


REDE TECNOLÓGICA E TERRITÓRIOS NAS OLIMPIADAS DO RIO *


TECHNOPOLITICAL NETWORK AND TERRITORIES IN THE RIO OLYMPICS

Tamara Tania Cohen Egler ^A

 <https://orcid.org/0000-0001-6549-7343>


Correspondência: tamaraegler@gmail.com

Fabiana Mabel Azevedo de Oliveira ^B

 <https://orcid.org/0000-0001-7521-4634>

Correspondência: fabianamabel@ig.com.br

Heitor Ney Mathias da Silva ^C

 <https://orcid.org/0000-0002-4026-8154>

Correspondência: heitorneysilva@gmail.com

^A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil

^B Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil

^C Centro Universitário Universus Veritas (Univeritas), Rio de Janeiro, Brasil

DOI: 10.12957/cdf.2022.65597

Recebido em: 23 fev. 2022 | Aceito em: 02 jul. 2022.

RESUMO

Este artigo analisa o processo de preparação e a realização dos Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro, em 2016, enfatizando a constituição de redes tecnopolíticas que integram as diferentes frações de capitais e agentes econômicos e políticos nas mais diferenciadas escalas. A reflexão destaca as modificações no território, em benefício dos capitais investidos, sem que isso, de fato, resulte em melhorias para a cidade. As questões propostas para a análise referem-se à identificação de quais territórios foram modificados e quais os interesses subjacentes em cada ação. Também são referenciados os recursos tecnológicos e inovações presentes na constituição das poderosas redes tecnopolíticas, que atuaram na conformação de uma cidade olímpica, totalmente subordinada aos interesses dos capitais envolvidos. O artigo procura demonstrar a hipótese de que essa rede tecnopolítica não só redefine os atores que participam da política urbana, como também transforma o poder sobre o território e as condições de apropriação do espaço.

Palavras-chave: redes tecnopolíticas; territórios; Jogos Olímpicos; Rio de Janeiro; globalização.

*Essa pesquisa contou com financiamento do CNPq e da FAPERJ.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons BY 4.0, que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

ABSTRACT

This article analyzes the process of preparing and holding the Olympic Games in the city of Rio de Janeiro, in 2016, emphasizing the constitution of technopolitical networks that integrate the different fractions of capital and economic and political agents at the most differentiated scales. The reflection highlights the changes in the territory, for the benefit of the invested capital, without this, in fact, resulting in improvements for the city. The questions proposed for the analysis refer to the identification of which territories were modified and which are the underlying interests in each action. Also referenced are the technological resources and innovations present in the constitution of the powerful technopolitical networks, which acted in the conformation of an Olympic city, totally subordinated to the interests of the involved capitals. The article seeks to demonstrate the hypothesis that this technopolitical network not only redefines the actors that participate in urban policy, but also transforms the power over the territory and the conditions of space appropriation.

Keywords: technopolitical networks; territories; Olympic Games; Rio de Janeiro; globalization.

1. Introdução

Esse artigo pretende demonstrar como redes tecnopolíticas modificam o território e, para isso, o objeto de investigação está construído na articulação de agentes que formam uma rede tecnopolítica para a concepção, produção e realização dos jogos olímpicos na cidade do Rio de Janeiro, em 2016. Para tanto, se interroga: que territórios foram modificados pela rede focada nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro? Quem delineou esses novos usos? E de que forma? Essas perguntas, que movem a nossa reflexão, têm por objetivo analisar como a inovação tecnológica, a articulação de diferentes atores e a fluidez de narrativas, podem se constituir em importante estratégia de ação na política urbana. Esta investigação nos habilita a demonstrar a hipótese de que essa rede tecnopolítica não só redefine os atores que participam da política urbana, como também transforma o poder sobre o território e as condições de apropriação do espaço. Estamos diante de atores, nacionais e internacionais, que se associaram na transversalidade dos campos, se comunicaram por inovação tecnológica e transformaram as condições de existência social na cidade do Rio de Janeiro em benefício de suas corporações.

Defrontamo-nos, por conseguinte, com uma estratégia política, econômica e cultural que articulou a associação de organizações internacionais e nacionais, capitais públicos e privados, e indivíduos em rede sociotécnica, e produziu uma estratégia política em torno do objetivo compartilhado de realizar os Jogos Olímpicos em 2016.

O resultado dessa ação foi a produção de uma rede de territórios globalizados, com forte conotação simbólica, destinada a acolher muitos turistas e garantir amplo consumo de mercadorias e sentidos, em grande medida, socialmente desnecessários. Isso é extremamente relevante porque deixa claro o poder da inovação tecnológica na gestão da política urbana e do espaço social. Nosso trabalho consiste em analisar os fatos que derivaram da inovação tecnológica na transformação do território carioca, no intuito de demonstrar os processos de dominação política e acumulação financeira.

Nessa perspectiva, cabe-nos investigar como os capitais imobiliários se organizaram e como essa política penetrou na subjetividade coletiva, de modo que a realização dos Jogos Olímpicos (JO) no Rio de Janeiro viesse a ganhar legitimidade. O maior desafio consiste em *ver e ler* as relações que se estabeleceram no interior da rede, aqui denominada Rede Olímpica – RO (EGLE, 2017), analisando suas estratégias políticas, os investimentos públicos e privados, os processos de comunicação, a participação do capital financeiro, a ação do capital imobiliário, a mobilidade de turistas e a produção de territórios simbólicos de dominação global.

Estamos lidando com uma forma de organização poderosíssima, que se situa além da forma originária do capital, que ultrapassa de longe o processo de valorização do capital financeiro, industrial ou imobiliário. Trata-se de uma totalidade que identificamos com uma rede tecnopolítica, uma associação entre capitais que exige uma análise específica de suas práticas políticas, culturais e econômicas. Para podermos desvendar a complexidade de valorização do capital condensada na produção de um megaevento esportivo, devemos empreender uma análise interdisciplinar que inclua categorias e conceitos da ciência política, da economia e da sociologia, lidas no espaço urbano.

Por ocasião da realização dos Jogos Olímpicos, o Rio de Janeiro tornou-se, obviamente, o principal cenário da megavalorização dos capitais associados à RO. Para avançar nessa direção analítica, foi necessário identificar os campos e os agentes envolvidos na rede global no Rio de Janeiro, reconhecendo os processos que produziram

sua estratégia política, identificando a intervenção sobre o território e, finalmente, analisando os custos sociais desse megaevento.

2. Metodologia

Nossa proposta metodológica está calcada na investigação do presente, visando a produzir conhecimento novo, apoiado em pesquisa empírica que desvende a dimensão da cultura, da ação política e da valorização econômica, no contexto de uma sociedade de informação e comunicação globalizada. Trata-se, em essência, de estabelecer os vínculos analíticos, valorizando, assim, uma análise transdisciplinar e interdisciplinar (RIBEIRO, 2012).

Com essa perspectiva em mente, elaboramos as seguintes perguntas:

1. Que atores participaram da rede global dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro?
2. Como podemos representar a arquitetura da rede de comunicação?
3. Quais são as narrativas que legitimaram os JO?
4. Que marcas deixaram sobre o território?
5. Como se forma a rede de territórios?
6. Qual é a natureza dos territórios simbólicos?
7. Quem ganha com isso?
8. Em benefício de quem as inovações tecnológicas intervêm na política urbana?
9. Como são transformadas as condições de existência social na cidade?

Para respondê-las, procedemos às seguintes práticas de pesquisa:

- . Estruturar um banco de dados para documentar os principais atores, processos e fatos associados à realização dos JO no intuito de construir o objeto empírico;
- . Identificar sujeitos e agentes da ação política, narrativas e marcas sobre o território;
- . Estabelecer a interlocução com os principais autores de reconhecida competência para construir o objeto teórico; e
- . Decupar os campos integrantes da rede sociotécnica, que tem por atribuição conceber, financiar, comunicar, difundir e produzir os territórios olímpicos;

- . Aplicar o programa GEPHI, para desenhar as redes sociotécnicas dos campos que participaram da realização dos JO;
- . Identificar, localizar e mapear os equipamentos e territórios que integraram o plano urbano dos JO;
- . Cartografar a rede de territórios simbólicos que marcaram a transformação do espaço urbano.

A nossa hipótese considera que os atores associados à realização das Olimpíadas, se articulam pela mediação da inovação tecnológica, que permite a formação de redes tecnopolíticas. Sua estruturação permite a fluidez das narrativas que penetram na capilaridade do tecido social, e estruturam uma subjetividade coletiva, capaz de pensar e agir positivamente para atrair a ação de atores econômicos, políticos e sociais, que vão produzir importantes mutações sobre o território do Rio de Janeiro.

Assumindo nossa responsabilidade de examinar os resultados advindos da ação das redes sociotécnicas sobre o território, precisamos saber em nome de quem e em benefício de quem elas transformam e delineiam novos usos do território. A pergunta epistemológica é a seguinte: como a cultura, as relações econômicas e as práticas sociais foram efetivamente transformadas a partir da alteração do território na cidade do Rio de Janeiro?

3. Campos da Rede Olímpica

Quais foram os campos e suas redes, e como participaram da realização dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro?

A nossa interlocução com Pierre Bourdieu permitiu-nos eleger a categoria *campo* – entendida como o resultado de uma produção coletiva que associa um grupo social dotado de uma forma compartilhada de pensar, agir e ser – para fazer a decomposição da estrutura do espaço social passível de ser lida nessa rede. Isso possibilitou-nos classificar os diferentes agentes e sujeitos da ação, bem como suas propriedades e práticas. Tem por objetivo decompor os grupos que participam da rede. A questão proposta observa, reflete e analisa a formação, a organização e os objetos de ação dos campos que iluminam a análise das redes tecnopolíticas. Essas redes associam organizações internacionais e nacionais, governos em diferentes escalas, capitais públicos e privados, bem como

indivíduos, todos envolvidos no objetivo final e comum de realizar o megaevento na cidade do Rio de Janeiro.

A pesquisa revelou-nos claramente a presença de um espaço social digital, articulador de um conjunto de grupos que se comunicam por mediação da inovação tecnológica. Seu discurso produz um consenso que opera um modo de pensar, fazer e ser compartilhado, autorizando-nos a reafirmar que campo é uma categoria que confere significado para as redes tecnopolíticas. O avanço da pesquisa levou-nos a reconhecer cada um dos campos, organizados em um conjunto de redes sobrepostas e integrantes em uma macrorrede de alta complexidade. O desafio foi decompor a rede, como conjunto de seis campos, a saber: político, financeiro, midiático, turismo, capital imobiliário e consumo. Se consideramos que campo é uma categoria que iluminam as redes, podemos afirmar que essa articulação de campos produz uma macrorrede, conecta um complexo de agentes e valoriza os capitais que participam no megaempreendimento. Foi possível identificar os seguintes agentes:

- . Comitê Olímpico Internacional (COI) e o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), que atuaram em consonância com os governos federal, estadual e municipal associados em transescalaridade, e que foram responsáveis pela concepção da estratégia política e pela realização do grande evento;
- . Corporações midiáticas responsáveis pela a difusão das narrativas;
- . Agentes bancários que financiaram o marketing e a realização das atividades;
- . Corporações midiáticas nacionais e redes de TVs globais, responsáveis pela ação de comunicação e pela atração de agentes, turistas e atletas e pessoas;
- . Capitais imobiliários que atuaram na produção de infraestrutura, equipamentos e habitação para atletas;
- . Empresas de turismo que responderam pela mobilidade da grande maioria dos participantes dos Jogos; e
- . O conjunto de agentes integrantes de uma rede de capitais nacionais e internacionais, que, associados, garantiram a produção e o consumo de mercadorias para as diferentes atividades.

Todos esses agentes – reunidos no intuito comum de produzir uma rede de territórios simbólicos na cidade do Rio de Janeiro – envolveram-se, mediante uma divisão do trabalho, nas ações de concepção e formação da rede, enunciação de discurso, atração de agentes, construção do marco edificado e vias de transporte, difusão da Olimpíada, e consumo de mercadorias. Se o COI montou a estratégia política responsável pela articulação das diferentes redes, coube às corporações de mídia a difusão do discurso, ao capital financeiro o *marketing* do evento, ao capital imobiliário a produção da infraestrutura, dos equipamentos e dos alojamentos dos atletas, a corporações internacionais e nacionais a produção e o consumo de mercadorias, e à rede internacional de TVs a divulgação dos jogos, mediante a transmissão da imagem olímpica para todo o mundo. Formam uma rede tecnopolítica, estruturada sobre uma complexa divisão do trabalho, orquestrada pela mediação de inovações tecnológicas, ampliam a conectividade e a comunicabilidade (CASTAÑEDA, 2020) , permitem a fluidez de narrativas que penetram no tecido social e movem a ação dos atores econômicos políticos e sociais, para transformar o território.

Isso é muito importante, porque para além da prefeitura e dos seus planos diretores, é urgente observar que estão presentes na cena da política urbana, importantes redes tecnopolíticas mediadas por inovações tecnológicas, que exercem o poder político, econômico e social. Esse é o desafio do presente artigo, fazer a demonstração dessa hipótese

3.1. As narrativas da tecnopolítica

Não foram poucas as manchetes, principalmente da rede globo, que enunciavam narrativas de valorização dos jogos olímpicos. Desde a eleição da cidade pelo comitê olímpico, passando pela construção do marco edificado, até chegar ao sistema de segurança que foi contratado para assegurar atletas e turistas. Era preciso criar uma narrativa de valores positivos, uma estrutura simbólica capaz de estruturar, o pensamento e a ação social, quer dizer capaz de legitimar os planos de governo por sua ação política.

Foi possível realizar uma pesquisa nas corporações midiáticas para decupar narrativas de todos os atores associados aos jogos, instituições internacionais como o COI, governos em diferentes escalas, capital financeiro, capital imobiliário, capital industrial, empresas aéreas, para citar os mais importantes. Todas que formam a rede olímpica para a realização dos jogos no Rio de Janeiro, seus principais artífices: Comitê Olímpico Internacional – COI e os governos federal, estadual e municipal, responsáveis governamentais do projeto olímpico. A enunciação de uma narrativa cotidiana desde a importância do trabalho voluntário¹, a criação de empregos², o legado dos equipamentos³, a inclusão da cidade no sistema de cidades globais⁴, a os sistemas de segurança de atletas e turistas⁵.

As narrativas se estendem para todas os campos, responsáveis pela realização dos jogos. Podemos ler uma valorização do número de empregos que foram criados na construção civil para a realização de obras de infraestrutura urbana⁶, também podemos citar a importância da segurança de atletas e turista. A imprensa publicava o melhor dos mundos para cidade e para o Brasil. Como a inclusão do país entre as nações mais importantes, ampliação de empregos, segurança pública e, também melhores condições para a educação. Todos os dias a rede Globo anunciava a construção dos equipamentos, que me breve seriam transformadas em escolas⁷.

A rede de agentes financeiros que impulsionou os JO teve à frente o Banco do Brasil, a Caixa Econômica e o Bradesco. As duas instituições bancárias investiram maciçamente no megaevento, arcando com os custos de boa parte da propaganda veiculada ao longo da transmissão das competições. Não menos importantes foram os cartões de crédito Visa e MasterCard, que concentram, nas suas plataformas, o sistema de circulação de dinheiro – viagens aéreas, estadias em hotéis, alimentação, roupas,

¹<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2015/09/rio-2016-vai-oferecer-90-mil-vagas-temporarias-de-trabalho.html>

²<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/03/paes-inaugura-arena-carioca-3-no-parque-olimpico-no-rio.html>

³<http://www.jb.com.br/rio/noticias/2011/09/23/em-londres-cabral-diz-que-os-jogos-olimpicos-deixarao-legado-mais-amplo-para-o-rio-do-que-para-londres>

⁴<https://www.gazetaesportiva.com/mais-esportes/rio-de-janeiro-fica-em-segundo-lugar-na-lista-de-cidades-globais-do-esporte/>

⁵<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/03/plano-de-seguranca-para-olimpiadas-sera-maior-que-o-da-copa-diz-gdf.html>;

⁶<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/03/paes-inaugura-arena-carioca-3-no-parque-olimpico-no-rio.html>

⁷<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/07/18/escolas-previstas-como-legado-olimpico-so-devem-ficar-prontas-em-2023-7-anos-apos-a-rio-2016.ghtml>

artigos esportivos e outras mercadorias, enfim todo tipo de consumo realizado durante a realização dos JO.

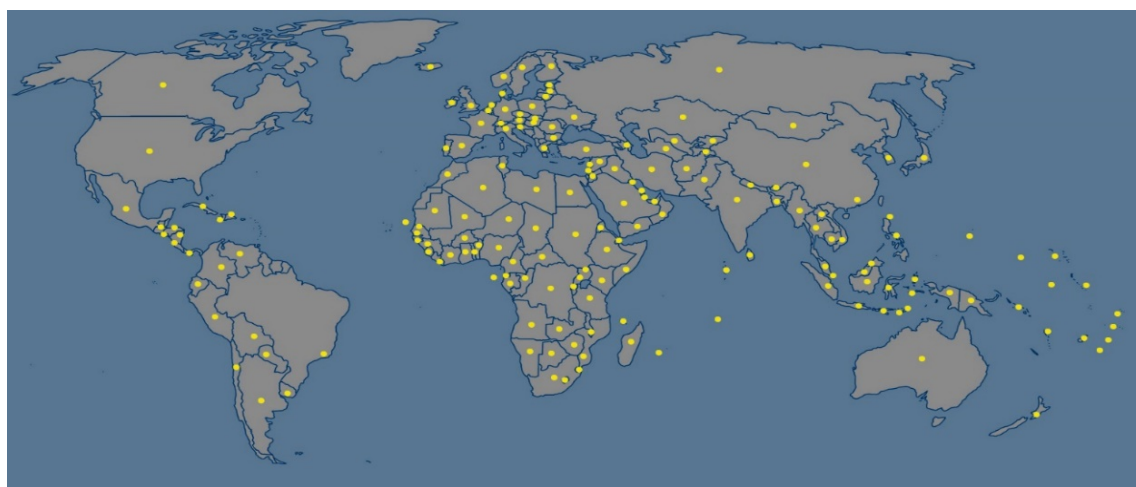
Podemos ainda citar a forte propaganda que foi realizada pelos capitais financeiros. Durante alguns anos, antes e durante as olimpíadas não se casava de anunciar os seus resultados positivos, para a economia do turismo, ou para a grandeza política da ação. Como sabemos, pouco restou na cidade e na vida cotidiana dos cariocas das promessas governamentais e empresariais, melhor focar na ampliação da dívida pública de 60 bilhões, que foi acrescia na já importante dívida que havíamos acumulado, que só faz crescer os juros do capital financeiro, fortemente associado a realização dos jogos. Como alerta Roberto Pessanha (2019), quando estuda o movimento do capital entre o mundo material e as altas finanças, trata-se da indústria dos fundos financeiros. O autor demonstra como existem verticalidades e horizontalidades (SANTOS, 1996), destacando que o primeiro termo se refere à articulação dos diferentes setores econômicos e o segundo nasce da produção material, no território. O interesse maior das narrativas, que podemos ler nas verticalidades, são as formas de marketing do capital financeiro e dos governos, ou nas horizontalidades dos capitais, que são associados à capacidade promover a verticalidade do capital, que migra da esfera na materialidade do território, para a acumulação financeira.

No que concerne à rede de agentes midiáticos, nunca é demais recordar o ininterrupto discurso da mídia corporativa, especialmente da Rede Globo, a favor de sua realização. Desde o momento em que a cidade do Rio de Janeiro foi eleita para sediar as Olimpíadas até os últimos dias do evento, a mídia enunciava diariamente um discurso intrinsecamente *fake*, a partir de uma narrativa gloriosa. Essa narrativa cercava todos os acontecimentos relativos aos JO, incluindo o recrutamento de jovens para o trabalho voluntário, a demolição da Avenida Perimetral para a renovação da Zona Portuária, a implementação da linha TransOlimpica do Bus Rapid Transit (Trânsito Rápido para Ônibus) - BRT e do Veículo Leve sobre Trilhos - VLT, a inauguração do centro de transmissão, a construção da Vila Olímpica ou ainda o turismo nas favelas. Como resultado desse bombardeio midiático, mais de 70% da população carioca aplaudiram a realização dos jogos no Rio de Janeiro.

3.2. A difusão da mídia corporativa

Não menos relevante foi a rede mundial de TVs. Reunindo emissoras brasileiras e estrangeiras, ela garantiu, conforme já informamos, um público cativo de cerca de quatro bilhões de pessoas em todo o planeta. Podemos visualizá-la no mapa abaixo:

Figura 1 – Redes de TVs



Fonte: EGLER, T.; OLIVEIRA, F. M. A.; GONCALVES, P. P. Territórios simbólicos no Rio Olímpico. In: *Território e planejamento: perspectivas transdisciplinares*. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018, v.1.

Nesta rede se divulga a competição pelas medalhas olímpicas, associada a difusão do consumo dos capitais associados a realização dos jogos. Uma estratégia de *storytelling*, pequenas histórias que emocionam, contadas todos os dias, tal qual as novelas, para traçar condutas, orientar e mobilizar fluxos de emoção. Estamos diante de uma arma irredutível de controle das opiniões, de novas técnicas de convencimento. No caso concreto da nossa pesquisa, ela tem por objetivo manejar as emoções dos consumidores em benefício das empresas associadas à Rede Olímpica. Com efeito, a narrativa das corporações midiáticas a partir de *da manipulação das emoções* cria uma realidade fictícia, guardando pouca relação com as reais condições de existência social da cidade.

O discurso simbólico produzido pela rede de corporações midiáticas revela as relações ocultas das formas sociais. São arcabouços valóricos que estruturam a ordem social, ali onde se manifestam os meios de comunicação que conformam a natureza das relações sociais. Nessas se alcança a concordância das subjetividades coletivas, definindo

um sentido comum do mundo. Essa rede de TVS produz uma ordem coletiva dos sentidos, molda e movimenta a ação dos homens em sua cotidianidade (RIBEIRO, 1987; BOURDIEU, 1998).

A rede de turismo agrupa as companhias aéreas, os estabelecimentos de hotelaria, os agentes de viagem, enfim todo um conjunto de entidades que atuam no setor. A sua importância pode ser dimensionada quando lembramos que a cidade recebeu cerca de um milhão de visitantes, que permaneceram em média 15 dias. Esse enorme contingente de turistas que se deslocou para o Rio de Janeiro e consumiu uma miríade de mercadorias que plasmaram valor agregado e produziram uma forma específica de produção da acumulação em benefício dos capitais associados ao turismo internacional.

Outra rede de extrema importância foi aquela formada pelos capitais imobiliários associados a organizações governamentais. Para fazer a sua representação, montamos um grafo da rede de atores, os quais, em estreita articulação, produziram o quadro edificado dos Jogos Olímpicos. O poder público, em suas diferentes instâncias, atuou no financiamento, e os capitais imobiliários na construção física do marco edificado, incluindo os equipamentos esportivos e os alojamentos para os atletas (que depois deveriam ser comercializados), e na reurbanização de territórios.

Uma operação dessa magnitude reuniu grupos associados em rede tecnopolítica e voltados para assegurar às redes do COI a sua organização global. Envolveu as distintas esferas do governo brasileiro no financiamento do cenário, o que, por sua vez, impulsionou o capital financeiro. Orientou o discurso de uma rede de corporações midiáticas, organizou uma rede de turismo para garantir a mobilidade de um milhão de visitantes, produziu o marco edificado para a grande festa olímpica, construiu as condições ideais do espaço para a realização e a difusão da festa. De uma forma mais sucinta, podemos dizer que os atores internacionais conceberam a estratégia (verticalidades), ao passo que os atores locais responderam pela produção do cenário (horizontalidades), e se os primeiros lucraram com a mobilidade, os segundos lucraram com o quadro edificado. O dimensionamento efetivo desse megaevento fica mais claro quando atentarmos para o seu custo, em torno de 60 bilhões de reais, conforme quadro 1 e 2.⁸

⁸ Esses quadros foram realizados a partir da publicação dos custos dos equipamentos publicados pela prefeitura, que podemos ler no quadro 1, que tivemos a oportunidade de completar com outros custos, ler quadro 2.

Tabela 1 – Custos do estado e do capital privado no Plano Olímpico

Nome	Destinação	Agentes de financiamento	Governo Municipal	Governo Federal	Governo Estadual	Privado	Tot.	%
Infraestrutura	Porto Maravilha	Gov. Federal (CEF)	592,00	0,00	0,00	7.608,00	8.200,00	32,45%
	Domínio Urbano de Deodoro		0,00	51,90	0,00	0,00	51,90	0,21%
	Requalificação entorno do Estádio Olímpico		115,74	0,00	0,00	0,00	115,74	0,46%
Saneamento e Infraestrutura do Meio ambiente	Obra de Reabilitação Ambiental da bacia de Jacarepaguá	Gov. Federal (CEF) Gov. Municipal	46,90	322,28	673,00	0,00	1.042,18	4,12%
	Desvio Do Rio Joana e reservatório de contenção		305,02	284,92	0,00	0,00	589,94	2,33%
	Saneamento Zona Oeste (Bacia do Rio Marangá)		0,00	0,00	0,00	431,00	431,00	1,71%
	Esgotamento Eixo Olímpico		0,00	0,00	57,90	0,00	57,90	0,23%
	Reter uma parte do lixo que chega à Baía de Guanabara		0,00	0,00	124,67	0,00	124,67	0,49%
	Restaurar ambientalmente as lagoas de Marapendi, Camorim, Tijuca e Jacarepaguá, além do Canal da Joatinga		0,00	0,00	673,00	0,00	673,00	2,66%
	Esgoto do Eixo Olímpico, da Restinga de Itapeba e do entorno da Lagoa da Tijuca para a Estação de Tratamento de Esgoto da Barra		0,00	0,00	50,13	0,00	50,13	0,20%
Total	10	2	1.059,66	659,10	1.578,70	8.039,00	11.336,46	44,86%
Equipamentos para Jogos + arenas	Universidade da Força Aérea (UNIFA)	Gov. Federal	0,00	76,05	0,00	0,00	76,05	0,46%
	EEFD/UFRJ Construção de complexo para hóquei sobre a grama, rugby e nado sincronizado e reforma							
	CEFAN Criação de Infraestrutura necessária ao apoio para treinamento das equipes olímpicas de futebol, voleibol, saltos ornamentais, pólo aquático e levantamento de peso							
	Clube da Aeronáutica na Barra, ginásio poliesportivo; campos de futebol, rugby, pista de atletismo							
Arenas parque olímpico	Montagem das quatro escolas da Arena do Futuro	Gov. Federal (CEF)	31,20	0,00	0,00	0,00	31,20	0,12%
Total	5	1	31,20	76,05	0,00	0,00	107,25	0,42%
Mobilidade	VLT do Porto		0,00	532,00	0,00	656,75	1.188,75	4,70%
	BRT's		1.915,65	0,00	0,00	479,24	2.394,89	9,48%
	Duplicação do Elevado do Joá		457,95	0,00	0,00	0,00	457,95	1,81%
	Sistema viário do Parque Olímpico		514,36	0,00	0,00	0,00	514,36	2,04%
	Linha 4 do metrô		0,00	0,00	7.633,40	1.157,48	8.790,88	34,79%
	Revitalização das estações do sistema ferroviário		0,00	0,00	0,00	259,83	259,83	1,03%
Total	6		2.887,96	532,00	7.633,40	2.553,30	13.606,66	53,85%
Laboratório de análise de doping	Laboratório Brasileiro de Controle de Dopagem (LBOD)	Gov. Federal	0,00	188,36	0,00	0,00	188,36	0,75%
	Montagem das 4 escolas da Arena do Futuro	Gov. Federal	0,00	31,20	0,00	0,00	31,20	0,12%
Total	2	1	0,00	219,56	0,00	0,00	219,56	0,87%
Total	23	4	3.978,82	1.486,71	9.212,10	10.592,30	25.269,93	100%

Fonte: PPP, prefeitura do Rio de Janeiro, 2016 in EGLER, TTC; Silva H. KRAUS L. (2017).

Tabela 2 - Custos diversos para jogos olímpicos

Nome	Destinação	Governo Municipal	Governo Federal	Governo Estadual	Privado	Total	Porcentagem
Renovação Urbana	3	707,74	51,9	0	7608	8367,64	25,35%
Desenvolvimento social	1	31,2	0	0	0	31,2	0,09%
Renovação Urbana e Controle de enchente	1	305,02	284,92	0	0	589,94	1,79%
Mobilidade Urbana	7	2887,96	816,92	7633,4	1157,48	12495,76	37,86%
Meio ambiente	6	46,9	322,28	1578,7	431	2378,88	7,21%
Educação, Ciência e Tecnologia	2	0	219,56	0	0	219,56	0,67%
Infraestrutura esportiva	4	0	76,06	0	0	76,06	0,23%
Candidatura					90	90	0,27%
Publicidade			12	52		64	0,19%
Segurança			2900			2900	8,79%
Derrubada da Perimetral						1200	3,64%
Vila Olímpica						2909	8,81%
Hotéis para Imprensa Internacional						1685	5,10%
Total		3978,82	4683,64	9264,1	9286,48	33007,04	100,00%

Fonte: (APO, 2016); (APO, 2016a); (BASTOS, 2012); (BASTOS, 2012a); (SANTOS, 2011); (WERNECK, 2016); (ROSA e PERON, 2015); (PORTAL BRASIL, 2016).

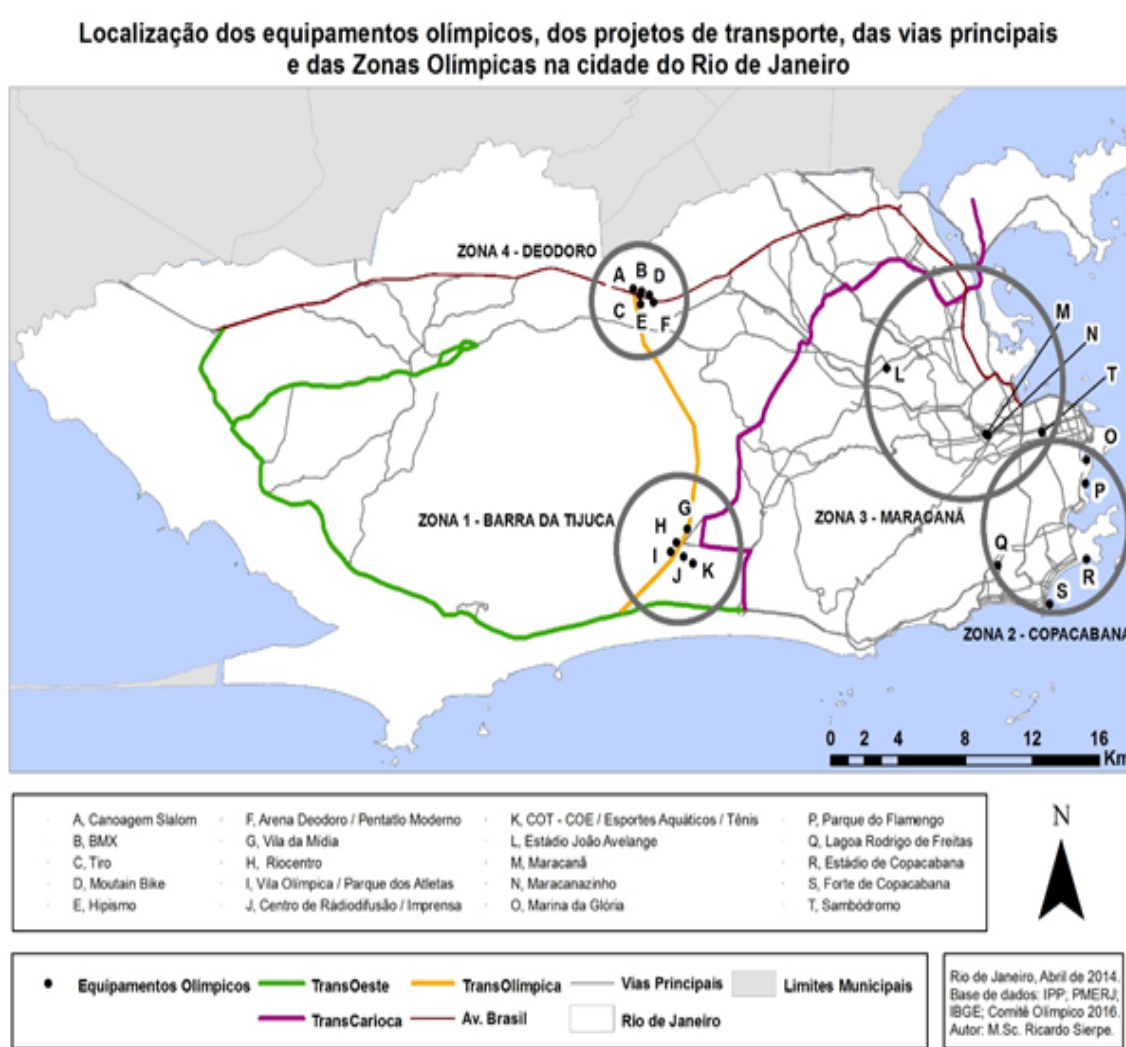
Outra característica a ser destacada da RO é a sua autonomia, representada por atores coletivos capazes de participar do debate e de apresentar propostas criativas. Eles não apenas se adaptam, mas também inventam. Em função das circunstâncias e dos movimentos dos seus parceiros, organizam-se em campos e, focados em objetos de ação compartilhados, associam-se para concretizar o objetivo comum de valorização dos seus capitais que resulta da realização desse megaevento.

4. Marcas da rede nos territórios simbólicos ⁹

Para identificarmos as marcas da rede tecnopolítica deixadas no território, nosso ponto de partida foi ler seu plano para jogos olímpicos, que apresentamos a seguir:

⁹ EGLER, T.; OLIVEIRA, F. M. A.; GONCALVES, P. P. Territórios simbólicos no Rio Olímpico. In: **Território e planejamento: perspectivas transdisciplinares**. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018, v.1, p. 509-534.

Figura 1 - Plano para jogos olímpicos



Fonte: PPP, Prefeitura do Rio de Janeiro, 2016. In: EGLER, TTC; Silva H.; KRAUS L, 2017.

A estratégia foi produzir um espaço fragmentado em quatro polos, a saber: Deodoro, Barra da Tijuca, Zona Sul-Centro-Zona Portuária, e Maracanã (PREFEITURA, 2016).¹⁰ Essa fragmentação implicou a construção de uma infraestrutura de vias de transporte, cuja trama pode ser vista no plano. A linha rocha representa o sistema de transporte existente, ao passo que as linhas amarelas e laranja representam as vias que foram construídas para os JO. Construídas para atender à mobilidade de atletas e turistas, articulando a rede de territórios que formavam o plano olímpico.

¹⁰ Vale lembrar que a proposta urbanística do arquiteto Sergio Magalhães concentrava as atividades esportivas no centro da cidade e mais particularmente na Zona Portuária. Por que essa proposta não foi implementada pelo grupo responsável pela ação política?

Na Barra da Tijuca, o epicentro dos JO, foram instalados o Parque Olímpico, onde foi realizada a maior parte das competições, e a Vila Olímpica, destinada a abrigar os atletas durante os jogos. Essa relação entre Parque Olímpico e Vila Olímpica revela o verdadeiro interesse do campo imobiliário - vender o megaempreendimento de 31 edifícios, de 17 andares. Tratava-se de procurar atrair os habitantes do Rio para esse empreendimento, e investir nesse espaço vazio da Barra da Tijuca, para auferir elevados lucros imobiliários e renda da terra.

Na Barra da Tijuca estava a mais importante operação imobiliária que se tem notícia, consistiu em dois empreendimentos: um destinado aos alojamentos dos atletas, e outro à instalação dos equipamentos esportivos. Esses dois grandes projetos plasmaram capital imobiliário + capital simbólico, produzido pelos JO, gerando lucros extraordinários, isto é, a valorização econômica dá-se em associação com o capital simbólico. (EGLER, SILVA e KRAUS, 2017).

Esse é apenas um exemplo. O centro da cidade também é exemplar. Esta área da cidade também foi alvo de um processo de fragmentação, configurando três territórios: a Cinelândia, o Porto Maravilha (na zona portuária) e a Praça Mauá. Na Cinelândia, recuperou-se o sentido do passeio concebido no início do século XX pelo prefeito Pereira Passos, um símbolo associado ao patrimônio histórico. No Porto Maravilha, um novo centro empresarial para o Rio de Janeiro, com seu padrão de arquitetura pós-moderna globalizada, para a atração de atores globais.

Na Praça Mauá, foram instalados dois museus emblemáticos: o Museu de Arte do Rio (MAR), inaugurado em 2013 e que implicou a restauração de um prédio degradado, valorizando o patrimônio histórico; e o Museu do Amanhã, inaugurado em 2015 em prédio que incorpora a monumentalidade da arquitetura pós-moderna.

O que é isso? Uma rede de territórios concebidos pela mega rede tecnopolítica destinado à realização das atividades previstas na festa olímpica¹¹. Uma rede de atores globais, conectados por comunicação virtual, concebe, constrói e difunde uma rede de territórios vitais e forma um espaço complexo que unifica virtualidade e vitalidades, no contexto de uma sociedade globalizada.

¹¹ COMITÉ OLIMPÍCO INTERNACIONAL – COI. **IOC marketing media guide: Beijing 2008**, 2008. Lausanne: IOC, 2008. [En línea]. <http://www.olympic.org/Documents/Reports/EN/en_report_1329.pdf>. [01 de mar. de 2016].

O plano *Fake* das Olimpíadas

Nossa pesquisa revelou como o discurso de atração de jovens para o trabalho voluntário manipulou os sentimentos de pertencimento. As imagens do Parque Olímpico prometiam a transformação dos estádios em escolas, mas até hoje (2022) isso não se concretizou. Tampouco a proposta do BRT de ampliar a mobilidade foi confirmada. As pistas foram danificadas e o tempo de transporte foi comprometido por conta do pequeno número de veículos. Já a empresa operadora do VLT entrou com uma ação judicial contra a Prefeitura por que a meta inicialmente acordada de transportar 250.000 passageiros-dia¹² não foi alcançada, vindo a cobrar das autoridades municipais as passagens devidas (os passageiros não passaram de 100 mil-dia).

O monumental projeto de renovação da Zona Portuária também não foi cumprido integralmente, ficando de fora a instalação de um grande centro de negócios, associado ao turismo interacional. Não menos importante foi o que aconteceu na Vila Olímpica, na Barra da Tijuca, destinada ao alojamento dos atletas. Três anos após a finalização desse empreendimento imobiliário, nem sequer 15% dos imóveis construídos tinham sido vendidos. Com efeito, das mais de 3,6 mil unidades preparadas para os JO, apenas 512 foram comercializadas. Esses são apenas alguns exemplos de uma narrativa fantasiosa que guardava pouca relação com a realidade dos fatos e que deram lugar ao projeto que prometia a transformação das condições de existência na cidade.

Festejadas pela mídia e pela população, as intervenções ocorridas no Rio de Janeiro provocaram, na realidade - hoje sabemos disso -, uma enorme destruição das atividades comerciais no centro da cidade. Além disso, o BRT - na verdade, pouco mais de um corredor viário - pouco melhorou as condições de transporte urbano. O VLT, por sua vez, não ampliou as condições de mobilidade dos cidadãos cariocas, e a Vila Olímpica, construída com uma tecnologia de arquitetura desmontável, foi removida para outra cidade. Após os Jogos Olímpicos. Em síntese, o macroempreendimento esgotou-se na sua própria monumentalidade. A manipulação dos sentidos das corporações midiáticas sobre o tecido social criou formas de pensar, de fazer e de ser compartilhadas, produziu

¹² <https://odia.ig.com.br/eleicoes/2020/11/6020044-clarissa-garotinho-critica-obras-milionarias-das-olimpiadas-e-promete-priorizar-as-comunidades.html>.

ações que definiram os processos de gestão, produção e apropriação dos territórios olímpicos (EGLER; OLIVEIRA; GONÇALVES, 2018).

Nosso objetivo neste artigo foi revelar que os territórios fragmentados detêm um poder simbólico que pode estar associado a atividades do patrimônio histórico, esportivas ou ligadas à habitação. Ao conferirmos visibilidade a processos espaciais que configuraram totalidades inesperadas, sentimo-nos em condições de afirmar que o plano urbano do Rio de Janeiro responde por interesses plasmados na rede sociotécnica de agentes nacionais e internacionais e que resultaram na construção de territórios simbólicos na cidade. A partir de uma narrativa *fake*, que legitimou o plano das Olimpíadas para o desenvolvimento da cidade e de seus habitantes, criou-se um plano fake que beneficiou os diversos integrantes da rede olímpica.

As formas simbólicas, que podemos ler nos territórios, iluminam as relações ocultas das formas sociais, quando a concordância das subjetividades que são estruturantes dos sentidos e dos consensos, do indivíduo e do coletivo. Essa forma social coletiva da subjetividade molda e movimenta a compreensão e a ação dos homens em sua existência. São estruturas de valores, lidas e difundidas pelos meios de comunicação e que conformam a ordem social, ultrapassando o individual e atingindo a esfera coletiva dos sentidos. A comunicação em rede digital, ao permitir alta velocidade e fluidez das narrativas, enseja uma difusão rizomática que amplia a capacidade de interação social e a ordem das subjetividades coletivas.

Nessa objetivação analítica fica patente como a mega rede dos Jogos Olímpicos orquestrou processos de dominação e exclusão dos cidadãos cariocas em todos os territórios produzidos para os Jogos Olímpicos. E esse processo se viabilizou graças à conformação prévia de um sentimento coletivo favorável à realização dos JO. Para podermos ampliar a nossa percepção sobre a importância das redes e da inovação tecnológica no processo de transformação do espaço, deveremos incluir novos atores e ações nos paradigmas de análise dos processos espaciais. Isso implica, necessariamente, uma reflexão sobre os limites do governo local na produção da política urbana, e redefine os atores de dominação e resistência.

Teria sido possível fazer um urbanismo socialmente comprometido? Sabemos que o urbanismo de verdade, aquele que faz projetos para o bem comum e considera a inclusão social, não existe no contexto da globalização. Nele, ao contrário, o que se produz é um

urbanismo de fake, amparado numa narrativa mentirosa, feito de territórios simbólicos e efêmeros, como o observado no Rio de Janeiro no pós-Jogos Olímpicos. Quando a festa acaba, só restam uma dívida bilionária, a desapropriação de espaços públicos, equipamentos deteriorados, territórios globalizados inutilmente, exclusão social e ampliação da pobreza e da violência.

Referências

AUTORIDADE PÚBLICA OLÍMPICA – APO (2016). **Plano de Políticas Públicas**. [En línea]. <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/legado/plano-de-politicas-publicas>. [30 de maio de 2016].

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRASIL. **Portal Oficial do Governo Federal sobre os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016**, 2016. [En línea]. <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/instalacoes>. [1 de junho de 2016].

CASTELLS, M. **Comunicación y Poder**. Barcelona: Alianza Editorial, 2009.

COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL – COI. **Candidature Acceptance Procedure and Questionnaire**, 2007. [En línea]. https://stillmed.olympic.org/AssetsDocs/importednews/documents/en_report_1213.pdf. [15 de maio de 2016].

COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL – COI. **IOC marketing media guide: Beijing 2008**, 2008. Lausanne: IOC, 2008. [En línea]. <http://www.olympic.org/Documents/Reports/EN/en_report_1329.pdf>. [01 de mar. de 2016].

EGLER, T. T. C. Políticas urbanas globais para espaços locais. **Economia, Sociedade e Território**, janeiro-junho de 2005, vol. 17, n. 5, p. 1-25.

EGLER, T. T. C. **Ciberpólis: redes no governo da cidade**. Rio de Janeiro, Sete Letras, 2007a.

EGLER, T. T. C. Jogo no Rio. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. (ANPUR), 2010, n. 12, p. 87-101.

EGLER, T. T. C.; SILVA, H. N. M.; KRAUS, L.A Rede Olímpica nos Jogos do Rio De Janeiro. **AR@CNE**, Barcelona, v. 223, p. 1-24, 2017.

JENNINGS, A. **Jogo Sujo**. O Mundo Secreto da Fifa. Rio de Janeiro: Panda Books, 2006.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Dossiê da candidatura do Rio de Janeiro para a sede dos Jogos Olímpicos**, vol. 1, 2, 3. Rio de Janeiro, 2009.

RAFFESTIN, C. (1993). **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, A. C. T. **Sociologia do presente: ação, técnica e espaço**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

RIBEIRO, A. C. T. e SILVA, C. A. Impulsos globais e espaço urbano: sobre o novo economicismo. In RIBEIRO, A. C. T. (Org.) **O rosto urbano da América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 347- 371.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

Referências na web

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2015/09/rio-2016-vai-oferecer-90-mil-vagas-temporarias-de-trabalho.html>

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/03/paes-inaugura-arena-carioca-3-no-parque-olimpico-no-rio.html>

<http://www.jb.com.br/rio/noticias/2011/09/23/em-londres-cabral-diz-que-os-jogos-olimpicos-deixarao-legado-mais-amplo-para-o-rio-do-que-para-londres>

<https://www.gazetaesportiva.com/mais-esportes/rio-de-janeiro-fica-em-segundo-lugar-na-lista-de-cidades-globais-do-esporte/>

<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/03/plano-de-seguranca-para-olimpiadas-sera-maior-que-o-da-copa-diz-gdf.html>;

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/03/paes-inaugura-arena-carioca-3-no-parque-olimpico-no-rio.html>

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/07/18/escolas-previstas-como-legado-olimpico-so-devem-ficar-prontas-em-2023-7-anos-apos-a-rio-2016.ghml>

GUIMARÃES, A. e ROUVENAT, F. Nuzman e ex-diretor de Comitê Olímpico são presos em operação que investiga fraudes na escolha da Rio 2016. G1 Globo, 05 de outubro de 2017. [En línea]. <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/pf-esta-nas-ruas-do-rj-para-cumprir-mandados-de-prisao.ghml>. [06 de outubro de 2017].

SIMON, A. Olimpíadas do Rio terão recorde de canais de tv no Brasil. *Torcedores.com*. 05 de agosto de 2015. [En línea]. <<http://torcedores.com/noticias/2015/08/olimpiadas-do-rio-terao-recorde-de-canais-de-tv-no-brasil>>. [20 de maio de 2016].

TOTALSPORTEK. List of Rio Olympics 2016 TV Channels In Different Countries, 21 de novembro de 2015. [En línea]. <<http://www.totalsportek.com/others/list-of-olympics-2016-tv-channels-in-different-countries/>>. [10 de fevereiro de 2015].

WERNECK, A. Governo prevê gastar quatro vezes mais com propaganda. *O Globo*, 06 de janeiro de 2016. [En línea]. <<http://oglobo.globo.com/rio/governo-preve-gastar-quatro-vezes-mais-com-propaganda-18416767>>. [13 de março de 2016].

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, bem como no que se refere ao uso de imagens.